

# POESIA TROVADORESCA



# POESIA TROVADORESCA

## Género das cantigas trovadorescas:

**Cantigas de  
amigo**

Têm como protagonista uma donzela, que expressa os seus sentimentos, espoletados pelo namorado que está no mar, foi para a guerra ou para a caça.

**Cantigas de  
amor**

Têm como protagonista um homem que nutre um amor platónico por uma “dona”, fidalga e casada, sofrendo muito com e por isso (“coita amorosa”).

**Cantigas de  
escárnio**

Nelas se criticam, de forma velada, às escondidas, implicitamente, pessoas e/ou comportamentos.

**Cantigas de  
maldizer**

Nelas se criticam, abertamente, às claras, de forma explícita, pessoas e/ou comportamentos.



# POESIA TROVADORESCA



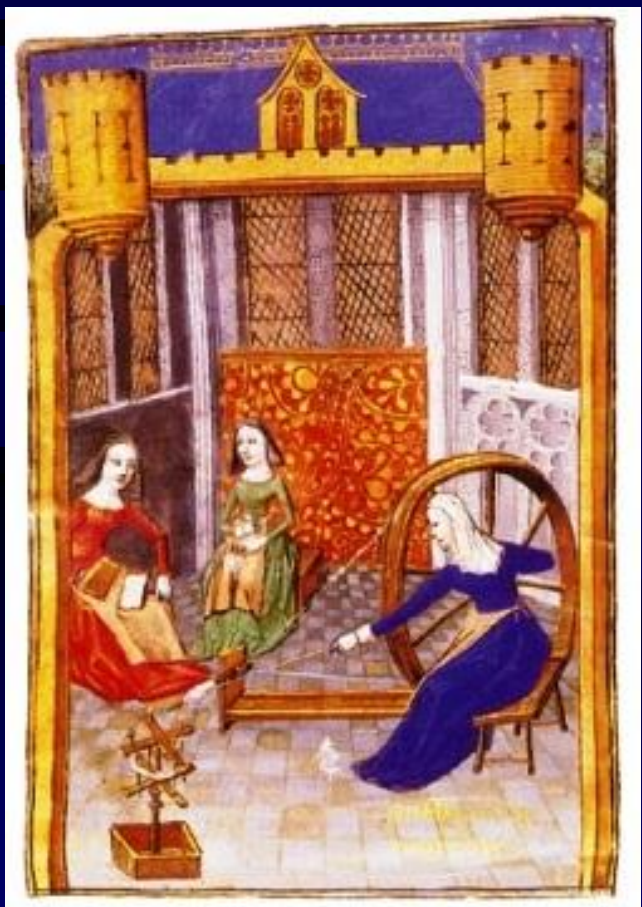
**Cantigas de amigo** – são composições poéticas em que uma donzela ingênua e humilde, num discurso simples, apaixonado e emotivo, exprime os seus sentimentos, as suas preocupações, em virtude da ausência do amigo (= namorado), que foi para a guerra, a pesca ou a caça.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amigo – subgêneros:

### Quanto à forma

- ⇒ Paralelísticas perfeitas ou puras
- ⇒ Paralelísticas imperfeitas
- ⇒ Cantigas de refrão
- ⇒ Cantigas de mestria
- ⇒ Tenções





# POESIA TROVADORESCA

## Paralelísticas perfeitas ou puras




Nestas cantigas, a unidade rítmica/semântica é o par de estrofes, sendo que, em cada par, a segunda estrofe mais não faz do que repetir o conteúdo ideológico da primeira. Entretanto, os vários pares de estrofes (unidades rítmicas/semânticas) estão também interligadas entre si, pois os segundos versos das estrofes do par anterior são sempre os primeiros das estrofes do par seguinte, de acordo com o seguinte esquema: o segundo verso da 1.<sup>a</sup> copla é o primeiro da 3.<sup>a</sup>; o segundo da 2.<sup>a</sup> é o primeiro da 4.<sup>a</sup>; o segundo da 3.<sup>a</sup> é o primeiro da 5.<sup>a</sup>; o segundo da 4.<sup>a</sup> é o primeiro da 6.<sup>a</sup>; e assim sucessivamente.

Veja o seguinte exemplo

# POESIA TROVADORESCA

## Paralelísticas perfeitas ou puras



**Non chegou, madre, o  
meu amigo**

Por que mentiu o desmentido,  
pesa-mi, pois per si é falido.  
Ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o perjurado,  
pesa-mi, pois mentiu a seu grado.  
Ai, madre, moiro d'amor!

(D. Dinis - CV 169, CBN 556)

**Unidade  
rítmica**

O 2.º v. da  
1.ª estrofe  
é o 1.º da 3.ª

O 2.º v. da  
2.ª estrofe  
é o 1.º da 4.ª

**Unidade  
rítmica**

O 2.º v. da  
3.ª estrofe  
é o 1.º da 5.ª

Non chegou, madr[e], o meu amigo,  
e hoj[e] est[e] o prazo saído!  
Ai, madre, moiro d'amor!

Non chegou, madr[e], o meu amado  
e hoj[e] est[e] o prazo passado!  
Ai, madre, moiro d'amor!

E hoj[e] est[e] o prazo saído!  
Por que mentiu, o desmentido?  
Ai, madre, moiro d'amor!

E hoj[e] est[e] o prazo passado!  
Por que mentiu o perjurado?  
Ai, madre, moiro d'amor!

O 2.º v. da  
4.ª estrofe  
é o 1.º da 6.ª

**Unidade  
rítmica**

**Exemplo de  
uma cantiga  
paralelística  
perfeita ou  
pura**



# POESIA TROVADORESCA

## Paralelísticas imperfeitas



As cantigas paralelísticas imperfeitas são aquelas em que o paralelismo está presente em cada par de estrofes (unidade rítmica e ou semântica), sendo que a segunda estrofe mais não faz do que repetir as ideias e as palavras da primeira, com pequenos cambiantes (através do recurso à sinonímia, à anástrofe, ao quiasmo ou construções quiasmáticas, não havendo, porém, qualquer ligação com os outros pares de estrofes (unidades rítmicas/semânticas).

Veja o seguinte exemplo

# POESIA TROVADORESCA

## Paralelísticas imperfeitas



Digades, filha, mia  
filha velida

- Digades, filha, mia filha velida:  
porque tardaste na fontana fria?  
Os amores hei.

Mentir, mia filha, mentir por amado!  
Nunca vi cervo que volvesse o alto.  
Os amores hei.

Digades, filha, mia filha louçana:  
porque tardastes na fria fontana?  
Os amores hei.

Pêro Meogo - CV 797, CBN 1140

- Tardei, mia madre, na fontana fria,  
cervos do monte volvian a águia.  
Os amores hei.

Tardei, mia madre, na fria fontana,  
cervos do monte volvian a águia.  
Os amores hei.

- Mentir, mia filha, mentir por amigo!  
Nunca vi cervo que volvesse o rio.  
Os amores hei.

Unidade  
ritmica

Unidade  
ritmica

Unidade  
ritmica

Exemplo de  
uma cantiga  
paralelística  
imperfeita



# POESIA TROVADORESCA



## Cantigas de refrão

Uma das características principais das cantigas de amigo é a existência do refrão, que consiste na repetição do mesmo ou mesmos versos no fim de cada estrofe. O processo parece denunciar a existência de diálogo entre solista e coro.

Em geral, o refrão consta de um só verso. No entanto, há-os que têm dois e até cinco, como, por exemplo, o da composição de Fernão Rodrigues de Calheiros, que será apresentada no próximo diapositivo: "Madre, passou per aqui hun cavaleyro".

Quase sempre colocado no fim da estrofe, pode, por vezes, surgir no meio, como nesta cantiga de D. Afonso Sanches:

Dizia la fremosinha:

Ay, Deus val!

Com' estou d'amor ferida!

Ay, Deus val!

Dizia la ben talhada:

Ay, Deus val!

Com' estou d'amor coyada!

Ay, Deus vai!

(CBN, 729)

**Veja o seguinte exemplo**

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de refrão



**Madre, passou per  
aqui un cavaleiro**

Madre, passou per aqui un cavaleiro  
e leixou-me namorad[a] e con marteiro.

Ai, madre, os seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi-os busquei,  
outros me lhe dei.

Ai, madre, [os] seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi-os busquei,  
outros me lhe dei.

Ai, madre, [os] seus amores hei!

(Fernan Rodríguez de Calheiros - CV.  
233, CBN. 632)

Madre, passou per aqui un filho d'algo  
e leixou-m[e] assi penada com [o] eu ando.

Ai, madre, [os] seus amores hei!

Se me los hei,  
ca mi-os busquei,  
outros me lhe dei.

Ai, madre, [os] seus amores hei!

Madre, passou per aqui quen non passasse! -  
e leixou-m[e] assi penada - mais leixasse! -.

Ai, madre, os seus amores hei!

**Exemplo de  
uma cantiga  
de refrão**



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de mestria



Par Deus, coitada  
vivo

Par Deus, coitada vivo,  
pois non vem meu amigo.  
Pois non vem, que farei?  
Meus cabelos, com sirgo  
eu non vos liarei.

Pois non ven de Castela,  
non é viv[o] ai mesela!,  
ou mi-o detêm el-rei.  
Mias toucas de Estela,  
eu non vos tragerei.

Pêro m [e] eu leda semelho,  
non me sei dar conselho;  
amigas, que farei?  
En vós, ai meu espelho,  
eu non me veerei.

Estas dōas mui belas  
el mi-as deu, ai donzelas:  
non vo-las negarei.  
Mias cintas das fivelas,  
eu non vos cingerei.

(Pêro Gonçálvez de  
Portocarreiro de - CV. 918,  
CBN. 505)

São cantigas sem refrão ou estribilho. Composições para serem recitadas ou lidas. A sua índole era marcadamente provençal.

Exemplo de  
uma cantiga  
de mestria

# POESIA TROVADORESCA



## Tenções

São cantigas dialogadas entre duas amigas, contrariando-se uma à outra em estrofes sucessivas. Acerca das tenções diz a *Arte de Trovar* (tit. III, cap. VII): «outras cantigas fazem os trovadores que chamam tençoens, porque son feitas por maneira de razon que hun haja contra outro, en que diga aquilo que por ben tiver na prima cobra e o outro responda-lhe na outra, dizendo o contrairo. Estas se podem fazer d' amor ou d' amigo, ou d' escarnho ou de mal dizer, pêro que devem ser de meestria».

Aliás, é por serem de mestria que as tenções não têm cunho autenticamente popular.

Celso Ferreira da Cunha, referindo-se à tenção de amigo afirma: «Assim se denominava a cantiga dialogada. [...] Se a enamorada falava em primeiro lugar, fosse com o amigo, com a mãe ou com a amiga confidente, a tenção era de amigo.»

(in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, ed. cit., pág. 640).

**Veja o seguinte exemplo**



# POESIA TROVADORESCA

## Tenção



Par Deus, coitada  
vivo

Par Deus, coitada vivo,  
pois non vem meu amigo.  
Pois non vem, que farei?  
Meus cabelos, com sirgo  
eu non vos liarei.

Pois non ven de Castela,  
non é viv[o] ai mesela!,  
ou mi-o detêm el-rei.  
Mias toucas de Estela,  
eu non vos tragerei.

Pêro m [e] eu leda semelho,  
non me sei dar conselho;  
amigas, que farei?  
En vós, ai meu espelho,  
eu non me veerei.

Estas dôas mui belas  
el mi-as deu, ai donzelas:  
non vo-las negarei.  
Mias cintas das fivelas,  
eu non vos cingerei.

(Pêro Gonçálvez de  
Portocarreiro de - CV. 918,  
CBN. 505)

Exemplo de  
uma cantiga  
de tenção

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amigo – subgéneros:



### Quanto ao conteúdo

- ⇒ Cantigas de romaria
- ⇒ Barcarolas ou marinhas
- ⇒ Bailias ou bailadas
- ⇒ Albas, alvas, alvoradas ou serenadas
- ⇒ Pastorelas



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de romaria

Subgênero das cantigas de amigo, nele há referências a romarias ou santuários. Regra geral, não se trata de composições de temática religiosa, já que, frequentemente, a peregrinação ou a capela são meros pretextos ou cenários do desenvolvimento da temática amorosa e profana, como ocorre na conhecida cantiga *Pois nossas madres van a San Simon*.



# POESIA TROVADORESCA

## Barcarolas ou marinhas



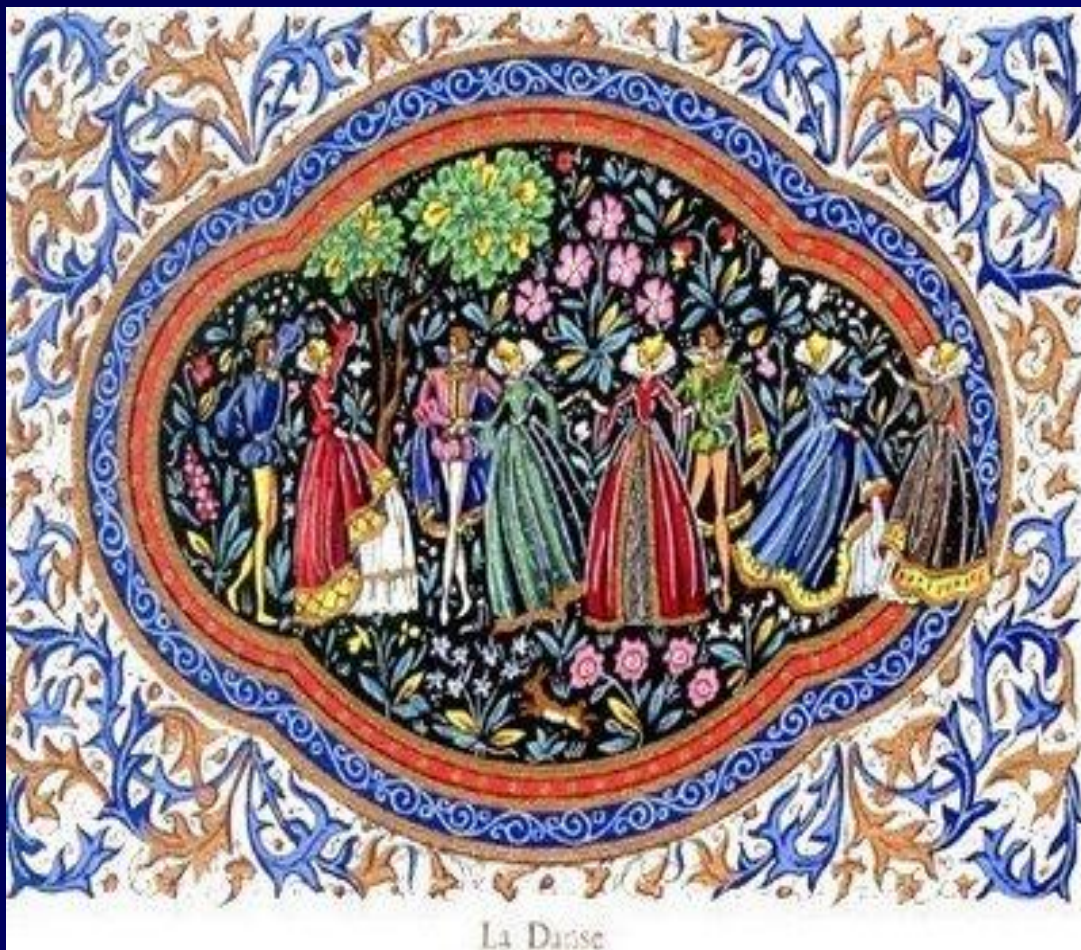
Subgênero das cantigas de amigo, característico da lírica galego-portuguesa, nele são acolhidos temas ligados ao mar ou ao rio. O sujeito destas composições (a amiga) acha-se invariavelmente perante as ondas do mar ou as margens dos rios a quem confia as suas mais íntimas inquietações, resultantes ora da ausência do amigo (amado) ora da sua demora por obrigações militares , por exemplo. O olhar perdido perante a imensidão das águas naturais é glosado, dando a entender que o *amigo* pode regressar apenas pela força do seu desejo confessado.



# POESIA TROVADORESCA

Subgênero das cantigas de amigo, de origem provençal, próprio para a dança. A bailia segue, em regra, uma estrutura paralelística, adequada à dramatização da cantiga interpretada por um grupo de donzelas: a protagonista ou *cantadeira* executa as principais estrofes; as restantes cantoras, formando um coro, entoam o refrão. Em alternativa, cada uma das estrofes da bailia pode ser executada por uma cantadeira diferente. O tema é geralmente jovial e festivo. Distingue-se da balada por incluir o convite à dança e por possuir uma estrutura formal mais regular e autónoma.

## Bailias ou bailadas



# POESIA TROVADORESCA

## Albas, alvas, alvoradas ou serenias



Subgênero das cantigas de amigo, de origem provençal, desenvolve o tema da alvorada ou amanhecer, enquanto momento de separação de dois amantes, acordados pelo grito do vigia do castelo, pelo canto dos pássaros ou pela luz do sol, que vêm perturbar um momento de intimidade de dois amantes que, assim, amaldiçoam a brevidade da noite. Na lírica galego-portuguesa, a composição de Nuno Fernandez Torneol, *Levad'amigo que dormides as manhanas frias*, surge como a obra-prima do gênero entre nós. De notar, porém, que estudiosos como Giuseppe Tavani concluíram que esta cantiga não tem todas as marcas que caracterizam a alba provençal, como o grito do vigia a alertar os amantes ou as imprecações contra o amanhecer.



# POESIA TROVADORESCA

## Pastorelas



Normalmente consideradas como variedade da cantiga de amigo, estão como que imbuídas de um certo hibridismo, situação que leva autores a entenderem mesmo que as pastorelas integram, maioritariamente, o subgénero das cantigas de amor, na medida em que geralmente é o cavaleiro que se dirige a uma pastora que encontra no caminho, manifestando-lhe o seu amor.

A propósito deste hibridismo, Jacinto do Prado Coelho, por exemplo, afirma que a pastorela é "um género à parte de origem obscura", pois floresceu no Norte de França e foi trazido para o Ocidente da península.

O certo é que na Península Ibérica nem sempre as pastorelas evidenciam uma disputa amorosa entre a pastora e o cavaleiro, evitando-se até, muitas vezes, o diálogo. Apresentam, antes, uma pastora cantadeira, facto que lhes confere um colorido próprio das cantigas de amigo, limitando-se, então, esses cantares a descrever, não raro, o solilóquio da pastora que suspira pelo seu amado, o qual não participa diretamente da cena.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amigo – suas características:



- ⇒ Feição autótone, ou seja, de origem peninsular, galaico-portuguesa.
- ⇒ Origem popular, com marcas evidentes da literatura oral - reiteraões, paralelismo, refrão e/ou estribilho, recursos esses próprios dos textos para serem cantados, propiciando facilidade na memorização.
- ⇒ O eu lírico é uma donzela (moça solteira) que exprime a sua situação amorosa ou os seus dramas na relação com o amigo.
- ⇒ Esses dramas/vivências consubstanciam-se na manifestação de sentimentos, como:
  - O sofrimento de amor;
  - A morte de amor;
  - Os cuidados e ansiedade;
  - A tristeza e saudade;
  - A alegria na volta do amigo;
  - O ódio aos mexericos.



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amigo – suas características:



- ⇒ O amor é natural e espontâneo.
- ⇒ A donzela é uma moça simples, solteira, por vezes ingênua, mas enamorada.
- ⇒ O ambiente é rural ou marinho (a fonte, o rio, a praia, o campo e a casa. Por isso, está-se sempre em contacto com a natureza que, muitas vezes, se torna confidente ou reflete o estado de espírito da donzela.
- ⇒ Confidentes, para além da natureza (antropomorfismo e animismo, típicos de sociedades mais primitivas), podem ser também a mãe, a irmã (normalmente a mais velha), as amigas, um cavaleiro (mais raro) e até os santos da sua devoção, a quem a menina apaixonada desabafa as suas inquietações, esperanças ou alegrias.
- ⇒ O paralelismo é um elemento distintivo destas cantigas, bem como o uso do refrão.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amigo – suas características:



- ⇒ As cantigas possuem uma estrutura simples.
- ⇒ Essas cantigas documentam bem a importância social da mulher, que era, na época, o garante da estabilidade familiar, dado que os homens tinham que se ausentar frequentemente, empenhados que estavam nas campanhas militares de defesa e ataque entre cristãos e mouros.
- ⇒ A atestar a antiguidade deste tipo de cantigas temos os arcaísmos que os trovadores conservaram, provavelmente porque tomavam do povo anónimo temas e versos inteiros que depois desenvolviam.



# POESIA TROVADORESCA



**Cantigas de amor** – são composições poéticas de inspiração provençal, as quais expressam os sentimentos de um homem por uma mulher fidalga, quase sempre casada (uma “dona”) e de origem nobre. Por isso, o amor que o trovador nutre pela mulher é um amor platônico – o amor cortês. Frequentemente esse amor provoca dor ao “amante” - o sofrimento amoroso ou a “coita amorosa”.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – características gerais:



- ⇒ São de origem provençal. Aliás, essa influência é bem visível no uso de provençalismos – vocábulos originários da Provença, como: *sen* (senso), *cor* (coração), *prez* (valia, preço), *greu* (difícil), *solaz* (prazer), *fiz* (certo), *eire* (ontem) ... – e na teoria do *amor cortês*.
- ⇒ Os sentimentos amorosos que delas respigam são os de um homem que se diz perdidamente apaixonado.
- ⇒ O amor é mais fingido que o expresso nas cantigas de amigo, porque pouco espontâneo, de índole platônica – amor cortês –, ainda que nas nossas cantigas de amor haja mais sinceridade amorosa do que nas cantigas provençais.
- ⇒ Por influência do lirismo tradicional, algumas das cantigas de amor estão dotadas de paralelismo imperfeito e semântico (o conteúdo de uma estrofe é idêntico ao da estrofe anterior, sendo usadas, porém, palavras diferentes).
- ⇒ Uma certa uniformidade na expressão (elogios constantes à dama, numa linguagem repetitiva) e nos sentimentos expressos (sempre a “morte de amores”) redundaram numa monotonia temática.



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – a teoria do amor cortês



O amor provençal, também apelidado de *amor cortês*, é muito diferente do amor que é cantado nas cantigas de amigo. Com efeito, nessas cantigas, o amor tem como finalidade a constituição da família, ou seja, a união dos namorados pelos laços sagrados do matrimônio, razão por esse amor só se verificar entre solteiros.

Pelo contrário, o *amor cortês* não tem como objetivo a união matrimonial dos apaixonados. Na verdade, não passa de uma aspiração sem correspondência. Ao cortejar uma mulher casada, o sentimento amoroso revelado pelo suposto amante constitui, na maioria dos casos, um fingimento intelectual, até porque a mulher, como já foi dito, é uma “dona”, normalmente senhora da corte e fidalga, condição social que nem sempre era a do seu amoroso cantor.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – a teoria do *amor cortês*

O *amor cortês* reveste-se de alguns aspectos peculiares, a saber:



⇒ *Amor-vassalagem* – o trovador comporta-se com a “dona” como o vassalo perante o seu suserano. Ele ajoelha-se, humilha-se, serve, adora, fica extasiado com a beleza física e moral da mulher por quem diz morrer de amores. Quanto à “dona”, ela manipula o coração do seu vassalo, como se de uma senhora absoluta se se tratasse.

⇒ *Os graus de aproximação* – a aproximação entre o trovador e a sua amada faz-se gradualmente, por fases. Assim, ele é

- \* Um fenhador, se se limita a suspirar;

- \* Um precador, quando já se atreve a dizer algumas palavras à dona;
- \* Um entendedor, se começar a ser correspondido;
- \* Um drudo, se porventura chega a ter relações de intimidade com a “dona”, o que raramente acontece nas nossas cantigas, contrariamente aos cantares provençais.



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – a teoria do *amor cortês*

O *amor cortês* reveste-se de alguns aspectos peculiares, a saber:



⇒ As prendas ou dōas – o apaixonado e a “dona” costumavam presentear-se mutuamente, com joias, anéis ou peças de vestuário – vestidos, toucas, cintas, cordões...

⇒ A mesura – o poeta devia mostrar-se discreto na expressão dos seus sentimentos, para que a dama não visse a sua reputação manchada. Devia usar de mesura, que originava no cantor:

\* A timidez – nem tinha coragem de manifestar o que sentia!...;

\* O pavor – até tremia com receio de dizer qualquer coisa inconveniente que magoasse a amada!...;

\* O segredo – nunca divulgava o nome da eleita do seu coração. Dissimulava ao máximo para que ninguém suspeitasse de nada.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – a teoria do *amor cortês*

O *amor cortês* reveste-se de alguns aspectos peculiares, a saber:



⇒ A morte de amor – o sentimentalismo exacerbado dos poetas trovadores traduzia-se num amor tão intenso, mal correspondido e, por isso, tão cruel para esses cantores que eles acabavam por desejar a morte. Esse desejo, porém, tornou-se tão usual e tão banal que caiu num lugar comum, vazio de significado. Daí que o intento fingido de “morrer de amores” tenha sido glosado e criticado nas cantigas de escárnio, como o ilustra a cantiga “Roi Queimado morreu com amor”.

⇒ A descrição da natureza – a exemplo das cantigas de amigo, também nestas a natureza emoldura os sentimentos amorosos. Não admira, pois, que os trovadores falassem nas *flores de Maio*, no *tempo da flor*, nas *aves*, na *primavera*, no *estio*, nos *prados*, nos *ribeiros*...



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – a teoria do *amor cortês*

O *amor cortês* reveste-se de alguns aspectos peculiares, a saber:



⇒ Enredo entre cavaleiros e pastoras – a tessitura semântica destas cantigas é simples: há um encontro entre um cavaleiro e uma pastora, a que se segue um inevitável elogio do cavaleiro à pastora ou então uma declaração de um amor que nasceu genuinamente à primeira vista. Por vezes há uma correspondência singela, inocente, a esse amor; na maioria dos casos, porém, a pastora pede encarecidamente ao cavaleiro para se afastar, pois não quer ver a sua reputação manchada. Claro que casos de violação também os havia nessa época...

⇒ Análise introspetiva – ainda por influência dos cantares provençais, as cantigas de amor refletem estados de alma que passa(ra)m despercebidos à naturalidade e simplicidade das cantigas de amigo: o doce-amargo do amor, o querer e o não querer da vontade e outras contradições que brotam do peito dos namorados.

# POESIA TROVADORESCA



## Cantigas de amor – subgêneros:

- ⇒ Cantigas de refrão – são cantigas onde aparece o refrão, tão característico das cantigas de amigo.
- ⇒ Canções de mestria – eram cantigas feitas por um mestre, sempre perfeitas e respeitando alguns dos seguintes formalismos estilísticos:

**Dobre** – consiste na repetição da mesma palavra em lugares simétricos da copla, defendendo a *Arte de Trovar* que “convem, como a meteren en hũa das cobras, que asy a metan nas outras todas”.

**Mozdobre** – também consiste na repetição da mesma palavra em lugares simétricos da copla, jogando-se agora, porém, com as suas várias flexões (Ex. O mesmo verbo, mas em tempos diferentes).

**Atafinda** – espécie de encavalgamento, em que uma oração que começa no último verso de uma copla continua no primeiro verso da copla seguinte.

**Finda** – espécie de conclusão, em dois ou três versos, que resume toda a cantiga.

**Verso perdido** – verso que surge no meio da copla e que não tem correspondência rimática.



# POESIA TROVADORESCA



## Cantigas de amor – subgêneros:

- ⇒ Tenções – cantigas em que dois trovadores dialogam, travam-se de razões, procurando contrariar-se um ao outro. Nos cancioneiros são, normalmente, precedidas de uma arrazoado, onde se explica o motivo que deu origem à tenção.
- ⇒ Prantos – eram imitações do *planh* provençal e neles o trovador lamenta a morte de alguém ou desabafa plangentemente a sua “coita” de amor.
- ⇒ Desacordos – neste tipo de canções, os nossos trovadores traduziam o amor tempestuoso, revoltado, em convulsões dentro do peito, recorrendo ora à variedade métrica, ora à diferente estrutura estrófica, ora ainda ao uso de hipérbatos.

# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de amor – os temas:

**O tema ou o mote quase exclusivo deste género de cantigas é o amor. Mas apesar da monotonia temática, não deixa de haver uma interessante variedade na abordagem das relações eróticas entre o poeta e a “senhor”. Assim,**

- A “dona” é exaltada, idealizada, venerada, vista como o espelho de todas as virtudes físicas e morais.
- O amor-adoração (amor-vassalagem) sobrepõe-se ao sensual, físico.
- Isso faz com que muitas vezes o poeta fique esmagado pelo desespero, pela saudade de um ser distante e altivo, do qual, não raro, se despede banhado em lágrimas.
- A não correspondência amorosa não é impedimento para o poeta fazer juras de fidelidade à “senhor”, chegando, numa atitude masoquista, a extrair prazer desse amor impossível, platónico.
- Contudo, também com frequência o vemos, ainda que humilhado e cheio de timidez e mesura, a mendigar à “dona” o favor de o amar. Outras vezes, expõe os sentimentos contraditórios do amor e lastima o fatalismo do encontro com a “senhor” de quem e por quem ficou cativo.
- Uma indescritível “coita” (sofrimento) amorosa leva ao desejo da morte por amor.





# POESIA TROVADORESCA

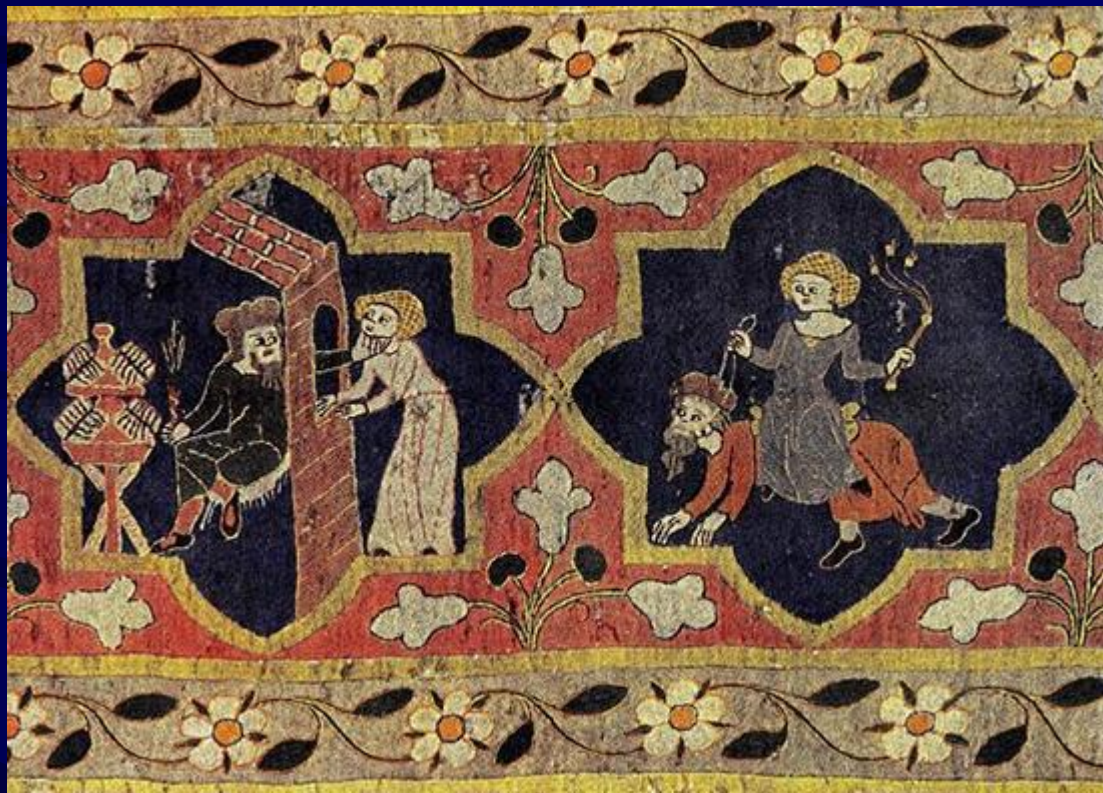
**Cantigas de escárnio** – são composições poéticas em que se ridiculariza alguém com palavras simuladas, veladas, que podem ter dois sentidos, eufemisticamente às vezes, recorrendo-se basicamente à ironia – *per palavras cubertas que ajan dous entendimentos para lhe non entenderen ligeiramente*, como explica a *Arte de Trovar*. É o caso, por exemplo, da cantiga “Meu senhor arcebispo, and’eu escomungado”, de Diogo Pezello.



São de influência provençal, da Provença, onde o cantar escarninho recebia o nome de **sirventês**, que podia ser moral ou religioso, político e social.

# POESIA TROVADORESCA

**Cantigas de maldizer** – são composições poéticas em que se ridiculariza alguém com palavras claras e diretamente ofensivas, sem subterfúgios - *son aquelas que fazem os trovadores mais descubertamente; en elas entran palavras que queren dizer mal e non averán outro entendimento senon aquel que queren dizer chaãmente*, segundo definição da *Arte de Trovar*. Torna-se comum a agressão verbal à pessoa satirizada e, muitas vezes, são utilizados até palavrões. O nome da pessoa satirizada pode ou não ser revelado.



É o que acontece, por exemplo, nas cantigas “Foi um dia Lopo jogar”, de Martin Soares, ou “Roi Queimado morreu com amor”, de Pêro Garcia Buralês, ou ainda “Ai, dona fea, fostes-vos queixar”, de Joan Garcia de Guilhade.



# POESIA TROVADORESCA

## Cantigas de escárnio e maldizer – os temas:



- A entrega dos castelos ao conde de Bolonha – traição dos alcaides ao rei D. Sancho II.
- Os amores entre fidalgos e plebeias.
- As pretensões dos poetas pobres e humildes.
- As mentiras do amor.
- Os fidalgos pelintras, os ladrões e os avaros.
- A ambição dos pretensiosos e dos fidalgos prepotentes.
- O desconcerto do mundo – deturpação de valores.
- A vida duvidosa das soldadeiras, sobretudo de Maria Peres, a Balteira, e a de todos os que se davam a aberrações sexuais.
- Os membros do clero e os cavaleiros das ordens militares, que não primavam pelo bom exemplo.
- Os reis e nobres que frequentavam lugares duvidosos.



# POESIA TROVADORESCA

